

POLIScópio

O nó do problema

A. MAGALHÃES PINTO
Economistamagpinto@netcabo.pt
http://poliscopio.blogspot.com

Do diálogo que, através da comunicação social, os dois principais personagens da nossa vida política vêm travando – sob o olhar vigilante de um árbitro que me parece demasiado interessado no resultado – retenho fundamentalmente os seguintes pontos fulcrais:

- Do lado de Pedro Passos Coelho, uma insistência notória na necessidade de haver controlo da despesa pública e estabilização no nível da carga fiscal como condição quase exclusiva para aprovação do Orçamento Geral do Estado (OGE) para 2011; se por convicção íntima de que tal será possível sem tocar – ou tocando muito levemente – nos benefícios atribuídos por um Estado generoso ou por desejo oculto de servir as forças económicas liberais, falta saber;

- Do lado de José Sócrates, uma permanente tentativa de colagem daquelas exigências do adversário ao desejo deste de terminar com o Estado Social (vulgo, Socialismo), donde derivaria uma crise política absolutamente indesejável neste momento; tentativa a que ele, Sócrates, se opõe vigorosamente, colocando no aumento dos impostos – a redução de benefícios fiscais é um aumento da carga fiscal – a tônica da resolução das dificuldades financeiras vividas pelo país.

Isto é, parece termos reduzido a uma dicotomia muito simples o debate político: aumentamos os impostos ou reduzimos a despesa do Estado? E será que isto é uma alternativa séria? Será que qualquer um dos seus termos é exequível? Note-se que a questão é posta tendo em conta a manutenção de um nível de vida aceitável para todos os cidadãos, por muito baixo que seja esse nível de vida.

Sabemos que, infelizmente, o debate político está reduzido, em Portugal, a este jogo de espelhos onde nada do que é parece e onde só o que parece é. Consequência, porventura a ficar para sempre, de termos na liderança política do país dois “jovens” que da vida pouco sabem ou o que sabem é feito de arranjos e serviços. Os argumentos usados para defesa das ideias são frágeis e, porque são assim, facilmente deturpáveis. Os governados assistem ao surgimento de novos problemas todos os dias, sem bem saberem como foi possível chegar até aqui, depois de uma década – 1990/2000 – em que pareceu

termos arrancado de vez dos patamares da indigência e da falta de capacidade de auto-sustentação. A vida política, económica e social de Portugal, neste terminar da primeira década do novo milénio, é um nó górdio cujo desatar começa a parecer impossível.

Ciente de que todas as achegas serão úteis para ver claro, decidi fazer uma pequena – mas esclarecedora – análise por uma das vertentes em discussão, a da carga fiscal. Ver

- Nessa época, os países com carga fiscal mais elevada eram os nórdicos, com o Estado Social bem desenvolvido; os seus cidadãos pagavam caro o Estado que tinham mas dele recebiam benefícios que se assemelhavam a um seguro de enorme qualidade;

- A carga fiscal em Portugal tinha, então, um peso na economia de menos de metade do existente no país de carga fiscal mais pesada, a Suécia;

seu estágio de desenvolvimento e fiscal à partida, a Irlanda, vemos que esta foi muito menos violenta nos impostos e conseguiu muito mais;

- Ao chegarmos a 2008, vemos que Portugal passou de quarto com carga fiscal mais baixa para oitavo;

- Se analisámos o ritmo de crescimento dos impostos em Portugal com o dos restantes países europeus, vemos que só a Turquia, e com o diminuto significado já descrito, viu a sua carga fiscal crescer mais rapidamente; Portugal é o campeão quase absoluto de aumentos fiscais;

- Todas estas conclusões serão, provavelmente e atendendo ao que se verificou neste domínio por toda a Europa, muito mais graves quando em cima da mesa estiverem os dados relativos a 2010.

Cabe aqui uma pergunta a fazer aos diferentes gestores políticos que tivemos até hoje: que fizeram eles deste aumento brutal da carga fiscal que passou a recair sobre os cidadãos? Desenvolveram a economia a ponto de termos diante de nós um futuro mais risonho? Não. Dotaram o país de bases que permitam esse desenvolvimento no futuro mais ou menos próximo? Não, se descontarmos as auto-estradas, mesmo que nestas incluamos as SCUT que ainda vamos pagar com impostos futuros. Desendividaram o país, de modo a ficar um peso menor para as gerações vindouras? Não. Modernizaram o país? Não, significativamente. Então que fizeram a essa progressão brutal da carga fiscal? Derreteram-na. Deixando provado algo que, na discussão agora tida entre os dois líderes, permite chegar a uma conclusão:

A avaliar pelo passado, quanto mais impostos forem cobrados maior vai ser o despaupério na sua aplicação. Estamos longe de ser o bom aluno dos sistemas desenvolvidos que, um dia, algum desprezavido ousou afirmar que éramos.

Temos a obrigação imperiosa e patriótica de secundar quem, na praça pública, diga: fim ao aumento de impostos. O país não suporta mais sanguessugas. E não à estabilidade política, social ou económica que valha continuar à disposição de quem não sabe governar. Ou melhor, que só sabe governar gastando à tripa forra porque o gasto não lhe custou uma só pinga de suor a ganhar.

EVOLUÇÃO DA CARGA FISCAL (Europa) 1975/2008									
PAÍSES	CARGA FISCAL (% do PIB)			CARGA FISCAL (crescimento)			ORDEM (% do PIB)		ORDEM (crescimento)
	1975	1995	2008	1975	1995	2008	1975	2008	2008/1975
Áustria	36,6	41,4	42,9	100	113	117	6	6	9
Belgica	39,5	43,6	44,3	100	110	112	3	3	13
Dinamarca	38,4	48,8	48,3	100	127	125	5	1	6
Finlândia	36,5	45,7	42,8	100	125	117	7	7	10
França	35,4	42,9	43,1	100	121	121	8	5	8
Alemanha	34,3	37,2	36,4	100	108	106	10	12	15
Grécia	19,4	28,9	31,3	100	148	161	16	15	5
Irlanda	28,8	32,5	28,3	100	112	98	12	17	17
Itália	25,4	40,1	43,2	100	157	170	13	4	4
Luxemburgo	32,8	37,1	38,3	100	113	116	11	9	11
Holanda	40,7	41,5	37,5	100	101	92	2	10	18
Noruega	39,2	40,9	42,1	100	104	107	4	8	14
PORTUGAL	19,7	32,1	36,5	100	162	185	15	11	2
Espanha	18,4	32,1	33	100	174	179	17	14	3
Suécia	41,2	47,5	47,1	100	115	114	1	2	12
Suíça	23,9	27,7	29,4	100	115	123	14	16	7
Turquia	11,9	16,8	23,5	100	141	195	18	18	1
Reino Unido	34,9	34	35,7	100	97	102	9	13	16

como ela evoluiu na Europa, nas últimas décadas, e cotejar com o sucedido em Portugal. Os dados para a análise, cobrindo o período que vai de 1975 a 2008, estão contidos no quadro anexo. Basta lê-los e colocá-los em paralelo com a trajectória de Portugal, para chegarmos, a meu ver, a conclusões interessantes.

E por eles se vê:

- Em 1975, a carga fiscal em Portugal não chegava a 20% do PIB (Produto Interno Bruto) e a nossa economia era a quarta com a absorção mais baixa, entre os dezoito países analisados; com carga fiscal mais aliviada só havia a Espanha, a Grécia e a Turquia;

- Entre 1975 e 2008, a carga fiscal em Portugal quase duplicou, relativamente ao PIB: a absorção da produção nacional passou a ser apropriada pelo Estado em mais cerca de 85%;

- Apenas na Turquia a evolução, neste domínio, foi mais gravosa do que em Portugal; mas este facto carece de significado muito relevante porque, à partida, a carga fiscal na Turquia era irrisória e quase metade da verificada em Portugal: só 11,9% do PIB ia para impostos;

- Quando comparamos Portugal com um país europeu que se presta, quer pela sua dimensão demográfica e económica quer pelo



AZUIL BARROS
Especialista
no crescimento
de negócios
Director Regional
Quantum
Organization
Portugal

Os empresários falham quando não percebem a importância da forma como se apresentam...

Muitos empresários, executivos, gestores e vendedores não se apercebem o quão fraca é a sua apresentação e como é possível melhorar todo o processo, caso se apercebessem como o podem fazer. Esta é a opinião de Ty Boyd, fundador do Excellence In Speaking Institute, USA.

Fracos hábitos de apresentação podem destruir a sua credibilidade. Apesar de ser, com certeza, a mesma pessoa, você consegue comunicar de um modo muito diferente em função da sua apresentação.

O empresário, enquanto líder, tem que conseguir fazer passar a sua mensagem porque constitui o pólo magnético de todo o projecto empresarial que encabeça.

Está disposto a aceitar o desafio de melhorar as suas capacidades de comunicação?

Seguem-se alguns conselhos que o podem ajudar...

Procure ser você mesmo. Não se ponha a

representar um papel que não lhe assenta. A sua personalidade só se destacará positivamente SE você acreditar quer na forma e quer no conteúdo da mensagem que está a transmitir. Ser genuíno permitir-lhe-á conquistar a confiança dos seus interlocutores.

Visualmente, grave a sua apresentação. Se não toda pelo menos a abertura (5 a 10 minutos). Depois reveja a gravação e seja o seu principal crítico. Prepare-se porque vai ficar CHOCADO quando vir a gravação! Há mesmo pessoas que acham que não foram elas que o fizeram daquela forma.

Vocalmente, grave tudo aquilo que vai dizer. Ouça sucessivamente o seu discurso até achar que aquilo que quer dizer será ouvido e interpretado como quer. Esteja atento ao tom de voz, pausa entre frases, variações de intensidade, repetição de conteúdos, etc.

TRABALHE para eliminar aquilo que considera que está mal. Simultaneamente,

procure melhorar ainda mais aquilo que considera serem os seus pontos fortes.

Convide um amigo ou um colega de trabalho para rever a gravação consigo. Peça-lhe para dar uma pontuação. Repita sucessivamente o processo, semana após semana, até atingir um nível de performance elevado.

Cabe a si estabelecer o “tom” de conversa. É da sua responsabilidade, como grande comunicador que é, criar a atmosfera propícia a uma comunicação fluida, natural e confortável.

Não se esqueça do modo como cumprimenta. Dê um cumprimento firme olhando a outra pessoa nos olhos. Um cumprimento firme estabelece a área de confiança necessária, desde o primeiro contacto. Veja estes conselhos como uma forma de o ajudar a progredir.

Comece já e coloque a Sua Empresa um passo à frente da sua concorrência!

Fracos hábitos de apresentação podem destruir a sua credibilidade.

Prepare-se porque vai ficar CHOCADO quando vir a gravação! Há mesmo pessoas que acham que não foram elas que o fizeram daquela forma.